

Minha
LEÇÃO FOLHA *Primeira*
Biblioteca

Os três mosqueteiros





Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas



Adaptação: Laiz B. de Carvalho

272 Ilustrações: Weberson Santiago

BIBLIOTECA
FATI
REC 015607

Procedência compra
Livraria feira do livro
R\$ 18,00
NF nº 14/05/18



Era o mês de abril. No castelo dos D'Artagnan, na Gasconha, interior da França, um jovem de dezoito anos despedia-se do pai. Ia para Paris, onde planejava tornar-se mosqueteiro da Guarda do rei Luís XIII. Levava no bolso uma carta de recomendação para o senhor de Treville, amigo do pai e capitão dos Mosqueteiros do Rei. Sua montaria era um velho cavalo de pelo amarelado e rabo com poucos fiapos.

No caminho, entrou na cidade de Meung. A aparência do cavalo causou estranheza e certo desprezo nos moradores. O jovem **D'Artagnan** não conseguia esconder de si mesmo a sensação de ridículo que o animal lhe trazia.

D'Artagnan desmontou em frente a uma hospedaria. Viu através de uma janela um cavalheiro bem-vestido conversando com outra pessoa que o ouvia atentamente. O cavalheiro tinha uma cicatriz na face direita que chamava atenção, e a um comentário dele ambos olharam na direção de D'Artagnan e começaram a rir. O jovem sentiu-se insultado! Voltou-se para os dois com a mão no punho da espada, perguntando do que riam.

O cavalheiro foi lentamente até a porta. Olhou do animal para o jovem e, num tom irônico, respondeu:

— Seu cavalo é muito engraçado, senhor!

Ofendido, D'Artagnan desembainhou a **espada** e correu até ele, mas o acompanhante do cavalheiro e o dono da hospedaria rapidamente o subju-

garam; alguém lhe deu uma paulada na cabeça e ele caiu inconsciente. Foi arrastado para o interior da hospedaria.

— Quem é esse maluco? — perguntou o cavalheiro.

— Não sei — respondeu o dono da hospedaria —, mas encontramos no bolso dele uma carta para o senhor de Treville, capitão dos Mosqueteiros.

— Para o senhor de Treville!

O hospedeiro não percebeu o efeito que suas palavras tiveram sobre a fisionomia do cavalheiro, que, parecendo inquieto, perguntou para onde tinha sido levado o jovem.

— Está desmaiado na cozinha — respondeu o hospedeiro.

Assim que ficou sozinho, o cavalheiro dirigiu-se para lá, murmurando: “**Milady** não deve ser vista por ele... Ela chegará daqui a pouco; mas antes quero saber o que essa carta contém...”. Silenciosamente, tirou a carta do colete de D’Artagnan e se afastou.

D’Artagnan acordou e levantou-se ainda atordoado; pela janela, viu seu inimigo conversando com uma bela senhora, debruçada na janela de uma carruagem. Era a condessa de Winter. De onde estava, o jovem pôde ouvir o que falavam:

— O **cardeal** ordenou-me que... — dizia a mulher.

— Que retorne à Inglaterra imediatamente, milady — interrompeu-a o cavalheiro.

Nesse momento, D’Artagnan apareceu ofegante, com a espada na mão. O cavalheiro montou rapidamente e partiu. Ao mesmo tempo, a carruagem da condessa foi na direção oposta.

— Covarde! — gritou D’Artagnan, correndo atrás do desconhecido; mas teve de parar porque sua cabeça ainda doía. “O que terá essa senhora a ver com o cardeal?”, pensou ele.

Depois de descansar mais um pouco, D’Artagnan já estava pronto para partir. Ao sair, percebeu que sua carta desaparecera, o que o deixou furioso.

— Encontrem minha carta, ou farei todos em pedaços! — gritou ele.

Amedrontado, o hospedeiro confessou que ela tinha sido certamente levada pelo estranho cavalheiro, pois vira quando este fora até a cozinha. D’Artagnan, indignado, disse que iria reclamar com o rei e partiu.

Chegou a Paris sem mais incidentes. Na entrada da cidade, vendeu o





cavalo e procurou um lugar para se hospedar. Ao primeiro mosqueteiro que encontrou, perguntou onde ficava o Hotel de Treville, quartel-general da Guarda Real.

O senhor de Treville era, como dissemos, o **capitão dos Mosqueteiros**, homens devotados ao rei, prontos a protegê-lo. Essa formidável guarda de Luís XIII causava inveja no poderoso cardeal Richelieu, que, quando a viu em ação, resolveu também criar a sua. Os dois grupos tornaram-se rivais, frequentemente duelando entre si para ver qual era mais hábil com a espada, embora tanto o rei quanto o cardeal proibissem esses embates.

D'Artagnan chegou rapidamente ao Hotel de Treville, onde uma porção de mosqueteiros se reunia no salão. Pediu que informassem a Treville que o filho de seu amigo ali estava.

Enquanto esperava, ficou observando os mosqueteiros. No meio de um grupo ruidoso, havia dois deles — um alto e elegante, a quem os demais chamavam de Porthos, e outro mais baixo, de rosto calmo e sereno, a quem chamavam de Aramis.

Nesse momento, chamaram D'Artagnan.

Naquela manhã, o senhor de Treville estava de mau humor, mas, mesmo assim, saudou o jovem polidamente e pareceu feliz de conhecer o filho de seu amigo. Pediu a D'Artagnan que esperasse um pouco, pois precisava finalizar um assunto importante. Dirigindo-se até a porta, chamou com voz autoritária:

— Athos! Porthos! Aramis!

Porthos e Aramis, os dois mosqueteiros de que falamos anteriormente, atenderam à chamada. Com o rosto contrariado e a voz irritada, o capitão repreendeu-os duramente, pois soubera que haviam participado de um **duelo** com os homens do cardeal. Os dois permaneceram de cabeça baixa, em silêncio.

Porthos explicou então que tinham sido atacados e que Athos, o companheiro inseparável deles, fora ferido. Nesse instante, um mosqueteiro de aparência nobre entrou na sala. Era Athos, que viera ver o capitão, mas ainda não se sentia bem e, inesperadamente, desmaiou. Aramis e Porthos o levaram ao médico. D'Artagnan ficou a sós com o senhor de Treville, que parecia ter esquecido quem era o jovem e o que ele fazia ali. D'Artagnan repetiu seu nome.

— Tenho grande respeito por seu pai — disse Treville. — O que posso fazer por você?

D'Artagnan contou-lhe o desejo de tornar-se mosqueteiro. Treville explicou que isso não seria possível de imediato; antes ele teria de estudar na Academia e ser apenas um soldado na Guarda. Sentindo certa frieza por parte do capitão, o jovem disse que tinha uma **carta de recomendação**, mas que ela havia sido roubada. Contou então o que ocorrera em Meung.

— Isso é muito estranho — disse Treville. — Por acaso você mencionou meu nome? E esse homem tinha uma cicatriz na face direita?

— Sim. E ele tinha uma cicatriz — exclamou D'Artagnan, surpreso. — E estava acompanhado de uma bela senhora a quem chamava de milady. O senhor o conhece?

“É ele, só pode ser ele...”, murmurou para si mesmo Treville. E, voltando-se para D'Artagnan, exclamou:

— Tenha cuidado! Se cruzar novamente com esse homem, passe longe. Ele é perigoso! Vou preparar sua carta de recomendação para a Academia.

Enquanto Treville escrevia, D'Artagnan foi até a janela. De repente, seu rosto encheu-se de raiva e ele correu para fora da sala. Tinha visto seu inimigo, o desconhecido de Meung. Na pressa, esbarrou em Athos, que voltava do médico. Mortalmente pálido, o mosqueteiro deu um grito de dor quando D'Artagnan quase o derrubou no chão.

— Desculpe, estou com pressa — exclamou o jovem, continuando a correr, mas uma mão poderosa o segurou.

— Você quase me derrubou! — exclamou Athos, irritado.

— Perdão — replicou d'Artagnan. — Não tive intenção de machucá-lo...

— O senhor é muito mal-educado; se está com pressa agora, mais tarde terá tempo — disse o mosqueteiro. — Estarei esperando pelo senhor perto do Convento das Carmelitas às 12 horas; não se atrase. Entendeu?

D'Artagnan entendeu. Athos o estava desafiando para um duelo.

— Entendi perfeitamente — respondeu. — Estarei lá.

E reiniciou a corrida, torcendo para alcançar o desconhecido, que infelizmente já havia desaparecido. D'Artagnan sentiu-se desanimado. A lembrança de que o experiente mosqueteiro poderia facilmente vencer três D'Artagnans juntos no duelo deixou-o **apreensivo**. “Sou um estúpido”, pensou. “Mas afinal, se eu for morto, pelo menos será por um mosqueteiro!”

Dirigiu-se então ao Convento, atrás do qual havia um terreno vazio onde geralmente aconteciam os duelos. Queria se desculpar, pois admirava mosqueteiros como Athos; não queria lutar, sabia que ele estava ferido, mas seu oponente já o aguardava. D'Artagnan aproximou-se, tirou o chapéu e cumprimentou-o com uma reverência, dizendo que não tinha padrinho para acompanhar o duelo. Athos disse que Porthos e Aramis seriam os padrinhos:

— Somos muito amigos e todos nos chamam de “**Os Inseparáveis**”.

Assim que os dois chegaram, D'Artagnan voltou-se para Athos e disse que estava pronto. Ambos empunharam a espada; porém, nesse instante, a Guarda de Richelieu apareceu. D'Artagnan e Athos tinham sido vistos em posição de duelo, e duelos eram proibidos.

— É meu dever levá-los presos — disse Jussac, o chefe da Guarda.

— Há cinco deles contra nós três — murmurou Athos para Porthos e Aramis. — Mas eu prefiro morrer a ser preso.

— Cavalheiro, deixe-me corrigi-lo — disse D'Artagnan. — Somos quatro, e não três. Não tenho o uniforme, mas tenho coração de mosqueteiro.

— Muito bem, Porthos, Aramis e D'Artagnan! Sigam-me! — gritou Athos.

Os quatro avançaram em direção à Guarda do cardeal. D'Artagnan lutou contra Jussac e o feriu gravemente, e depois foi ajudar Athos a abater seu oponente. Aramis e Porthos tinham vencido dois outros. Somente um dos rivais permanecia de pé, mas, vendo que estava só, fugiu correndo.

A notícia do duelo logo chegou a **Luís XIII**, que ficou admirado de alguém ter vencido Jussac, considerado o melhor espadachim do reino. Ordenou que Treville tornasse D'Artagnan um mosqueteiro tão logo possível. O jovem sentia-se agora o homem mais feliz do mundo.

Dias depois, o senhor Bonacieux, dono da hospedaria em que nosso jovem vivia, foi pedir a ajuda de D'Artagnan. Parecendo receoso, contou-lhe que sua esposa, Constance, costureira da rainha Ana da Áustria no Palácio Real do Louvre, tinha sido sequestrada.

Disse que suspeitava de uma ação do cardeal, pois este não gostava da



rainha e mantinha espões em torno dela. Como sua esposa era muito devotada a Sua Majestade e conhecia alguns segredos, Bonacieux acreditava que Sua Eminência queria levar Constance a revelá-los. “Mas que segredos seriam esses?”, pensou D’Artagnan, interessado.

Bonacieux revelou que a rainha era amiga do **duque de Buckingham**, nobre inglês considerado o maior inimigo da França. Alguém escrevera uma falsa carta ao duque, imitando a letra de Ana da Áustria e pedindo que ele viesse a Paris.

— Se ele vier, será assassinado! E isso pode causar uma guerra entre França e Inglaterra — exclamou Bonacieux.

Pediu a D’Artagnan, então, que o ajudasse a encontrar a esposa. No outro dia, porém, os guardas do cardeal levaram Bonacieux preso. D’Artagnan contou a história aos amigos e “Os Inseparáveis” prometeram ajudá-lo. Não eram eles mosqueteiros do rei e inimigos do cardeal?

— Todos por um, um por todos! — exclamou Athos.

Naquela noite, ao ouvir a porta da hospedaria se abrir, D’Artagnan viu entrar uma jovem e ficou impressionado com sua beleza. Ela se identificou como madame Bonacieux e perguntou pelo marido. D’Artagnan contou que ele tinha pedido ajuda para protegê-la, mas fora preso. Ela disse que havia fugido de seus sequestradores e começou a chorar. Apesar disso, no dia seguinte, voltou a seu trabalho de costureira no Louvre.

O duque de Buckingham, que chegara a Paris, conseguiu entrar disfarçadamente no Palácio Real. Pressentia que a carta que recebera era uma armadilha, mas queria ver a rainha. **Ana da Áustria** surgiu na sala onde ele aguardava e murmurou:

— Milorde, já sabe que não fui eu que lhe mandei a carta... Peço-lhe que parta imediatamente, pois corre perigo aqui em Paris — continuou ela, aflita. — Nossos países são inimigos!

— Queria vê-la, majestade, mas sei que devo partir. Por favor, dê-me algo seu para que me lembre sempre da senhora, e partirei — respondeu o duque.

Ana da Áustria entregou-lhe então um porta-joias. O duque abriu-o e, admirado, viu que ali havia doze belíssimos pingentes de diamante. Beijando-lhe a mão com respeito, saiu imediatamente.

Naquele mesmo dia, Richelieu recebeu em seu palácio o conde de Rochefort, que não era outro senão o homem de Meung. Rochefort tinha espões por toda parte e contou ao cardeal que o duque de Buckingham havia estado no Louvre, e que a rainha tinha dado a ele os diamantes.

Richelieu, enfurecido, exclamou que Luís XIII precisava saber da traição de Ana da Áustria. Arquetou então um plano. Sua espia em Londres era a condessa de Winter, a bela senhora que D'Artagnan tinha visto em Meung, na companhia de Rochefort. Ordenou ao conde que a instrísse a roubar dois dos pingentes, agora em poder do duque.

Em seguida, Richelieu foi falar com o rei. Sabia que **os diamantes** tinham sido um presente de Luís XIII à esposa. Sugeriu então, astutamente, que promovesse um baile e pedisse à rainha para usá-los nesse dia. Com esse estratégia, contava destruí-la, pois evidentemente ela não tinha mais todas as pedras em seu poder.

Luís XIII procurou a esposa, informou-a do baile e pediu que usasse os pingentes. A rainha ficou mortalmente pálida. Assim que o rei saiu, ela começou a chorar: "Estou perdida... Estou perdida...!". Madame Bonacieux, que estava na sala ao lado, aproximou-se e pediu permissão para ajudá-la, prometendo achar alguém para recuperá-los. Ela pensava em D'Artagnan, em quem instintivamente confiava.

Madame Bonacieux foi imediatamente à procura do jovem, e lhe confidenciou o terrível perigo que rondava a rainha. D'Artagnan afirmou que partiria imediatamente e foi pedir a Treville autorização para ir à Inglaterra, cumprindo uma **missão secreta** que envolvia a honra e talvez a vida da rainha.

— Você poderá ser morto antes de chegar lá. Leve Athos, Porthos e Aramis com você — aconselhou Treville.

Naquela noite, os quatro partiram para Londres. O caminho, porém, como previra Treville, foi cheio de perigos e armadilhas. Na primeira hospedaria em que pararam, um estranho convidou Porthos a brindar à honra do cardeal. O mosqueteiro disse que o faria se o cavalheiro brindasse ao rei Luís XIII, mas o estranho disse que só conhecia um rei, o cardeal de Richelieu. Porthos, irritado, chamou-o de bêbado; o homem puxou a espada e uma luta começou.



COLEÇÃO FOLHA *Minha Primeira Biblioteca*



— Acabe com ele e nos alcance depois! — gritou Athos, pois não tinham tempo a perder. Na próxima cidade, esperaram pelo amigo por duas horas, mas ele não apareceu. Decidiram seguir e, mal tinham avançado algumas milhas, outro incidente ocorreu. Alguns homens estavam no meio da estrada, aparentemente fazendo reparos. Aramis pediu passagem, mas os trabalhadores começaram a rir e Athos, irritado, instigou o cavalo sobre um deles. Subitamente, os homens começaram a atirar nos três, e Aramis recebeu uma bala no ombro.

— É uma **emboscada!** — gritou D'Artagnan. — Corram!

Embora ferido, Aramis seguiu os amigos, galopando até uma hospedaria próxima, onde o deixaram, pálido e ferido, mas vivo. “Reduzidos a dois...”, pensou D'Artagnan, preocupado. “Esses incidentes podem ser coincidência, mas estão mais parecendo fruto de uma conspiração...”

Naquela noite, dormiram em outra hospedaria. Quando Athos foi pagar a conta, o dono lhe disse que o dinheiro era falso. O mosqueteiro ficou indignado, mas, nesse momento, quatro homens armados entraram e correram para cima dele.

— Me pegaram — gritou ele para D'Artagnan. — Fuja!

D'Artagnan saltou sobre o cavalo, saiu a galope e não parou mais até chegar ao porto de Calais, onde embarcaria para a Inglaterra. Viu que havia um navio pronto para zarpar e rapidamente subiu a bordo.

Em Londres, D'Artagnan procurou o duque de Buckingham e contou-lhe tudo. Muito pálido, o duque pegou o **porta-joias** que a rainha havia lhe dado. Mas, ao abri-lo, deu um grito ao ver que ali só havia dez pingentes:

— Ai de nós! Tudo está perdido! Como isso aconteceu?

— Mas... deixe-me pensar... — continuou ele — ... usei estes diamantes no baile do rei da Inglaterra... E a condessa de Winter aproximou-se de mim... Sim, só pode ter sido ela!!! E a mando do cardeal, com certeza!

D'Artagnan ficou apavorado, mas o duque, decidido, mandou fazer dois pingentes iguais aos outros e ordenou ao jovem que os levasse imediatamente para a rainha da França.

De volta a Paris, D'Artagnan dirigiu-se ao Palácio Real e entregou as joias à rainha antes de o baile começar. No salão, Luís XIII aguardava os convidados. O cardeal aproximou-se com um estojo na mão e o entregou ao rei, que o abriu e viu que continha dois pingentes de diamante.

— O que significa isso? — perguntou.

— Majestade, se a rainha usar os diamantes hoje, o que eu duvido, peça-lhe que os conte — disse o cardeal. — Se houver somente dez, pergunte-lhe onde estão os outros.

— Como assim? — replicou Luís XIII.

Antes que o cardeal respondesse, Ana da Áustria entrou. Os pingentes brilhavam em seu ombro esquerdo, só que, ainda de longe, nem o rei nem o cardeal conseguiam contá-los. Luís XIII aproximou-se dela e disse:

— Agradeço-lhe por ter usado os diamantes. Mas acho que estão faltando estes dois.

— Não entendo — disse ela, parecendo surpresa. — Vossa Majestade quer me presentear com mais dois? Nesse caso, terei catorze!

Só então o rei contou os **pingentes** e viu que, de fato, havia doze no ombro da rainha. Voltou-se para o cardeal em tom severo e perguntou:

— O que significa isso?

Percebendo a situação, Richelieu disse que as pedras eram um presente dele para a rainha. Ana da Áustria olhou-o e sorriu, pensando no jovem a quem devia essa extraordinária vitória sobre o terrível cardeal.

No dia seguinte, D'Artagnan foi à hospedaria onde Porthos tinha ficado. Contou-lhe o que acontecera e saiu à procura de Aramis e Athos, que também estavam vivos. Os agora “Quatro Inseparáveis” já podiam voltar a Paris. Ao chegarem, souberam que a poderosa esquadra inglesa, sob o comando do duque de Buckingham, tomara a cidade de **La Rochelle**, território francês.

Os três mosqueteiros e D'Artagnan uniram-se então às tropas reais que iam para lá. Como ainda não era mosqueteiro, o jovem ficou com os guardas. Sentia-se isolado, pois pouco convivera com esse grupo, e apreensivo, pois tinha agora dois inimigos, o poderoso cardeal de Richelieu e a condessa de Winter, que diziam ser vingativa e cruel.



Numa manhã, afastando-se do acampamento onde as tropas haviam se instalado, D'Artagnan notou de repente o brilho de uma arma por trás de uma árvore. Imediatamente jogou-se no chão e um tiro ressoou: a bala passou por cima de sua cabeça. Apavorado, correu de volta para junto dos demais guardas. “Qual dos dois quis me matar?”, pensou ele. “O cardeal ou a condessa?”

Dias depois, outro incidente: ao afastar-se do acampamento em uma missão de reconhecimento com dois guardas, D'Artagnan sofreu novo **atentado**. Os próprios guardas o atacaram e mais uma bala passou zunindo rente a sua orelha. Fingindo-se de morto, esperou os atacantes se aproximarem; desembainhou então sua espada e os confrontou, furioso.

Amedrontados pela ira do jovem, eles confessaram que a condessa de Winter lhes enviara uma carta e prometera uma recompensa para acabarem com ele. “Milady está fazendo de tudo para me eliminar!”, murmurou, receoso. Na carta, que D'Artagnan tomou dos dois, estava escrito que madame Bonacieux se encontrava num convento.

Três dias depois, chegou uma encomenda para D'Artagnan: doze garrafas de vinho, enviadas por Athos, Aramis e Porthos. Feliz, o jovem convidou dois colegas a beber com ele. Nisso, trombetas soaram — era o rei que chegava ao acampamento com os mosqueteiros e o senhor de Treville, acompanhados do cardeal. D'Artagnan ficou feliz por estar novamente com os amigos e agradeceu-lhes o vinho.

— Mas não enviamos vinho nenhum! — exclamou Porthos.

D'Artagnan, num instante, compreendeu tudo. Saiu correndo, mas já era tarde. Um dos colegas tinha experimentado um gole e caíra morto. A bebida estava envenenada! D'Artagnan contou aos amigos sobre os dois incidentes anteriores e Athos sentenciou:

— Isso é obra de milady; vingança dessa **víbora!**

Certa noite, os três mosqueteiros resolveram ir até uma taberna; D'Artagnan não foi, pois era seu dia de montar guarda. No caminho, cruzaram com o cardeal, que lhes ordenou que o acompanhassem:

— Não quero que saibam que me afastei do acampamento.

Os mosqueteiros, obedientes, o seguiram até a taberna Red Dovecot. O dono levou-os até uma sala no andar térreo, equipada com uma grande lareira; o cardeal instalou-se no piso superior. O que ou quem teria levado o

poderoso Richelieu àquele lugar? Essa era a pergunta que os mosqueteiros faziam a si mesmos. Athos, pensativo, aproximou-se da lareira. Subitamente, ouviu vozes que ecoavam pelo duto da fumaça, e que vinham do quarto no piso de cima. Aguçou o ouvido, pedindo silêncio aos amigos, e escutou a voz de Richelieu:

— Milady — dizia ele —, a senhora deve partir para a Inglaterra imediatamente.

Athos sentiu um sobressalto.

— Está falando com milady! — sussurrou baixinho para os amigos.

— Em Londres, procure nosso inimigo, o duque de Buckingham, que já retornou à Inglaterra, e diga-lhe que, se não se render, destruirei a honra da rainha. E ele será também destruído! — continuou o cardeal.

Athos ouviu a condessa responder que assim o faria. Mas ela acrescentou que queria também ajustar contas com seus próprios inimigos, o miserável D'Artagnan e madame Bonacieux, que haviam frustrado os planos do roubo dos diamantes. E pediu ao cardeal uma **ordem por escrito** para cumprir sua missão.

Fez-se um pequeno silêncio.

— Provavelmente o cardeal está escrevendo — murmurou Athos.

— O que faremos? — perguntou Porthos, baixinho.

Athos correu imediatamente para fora e escondeu-se atrás de um muro. Instantes depois, Richelieu saiu e tomou a direção do acampamento. Athos voltou à taberna e subiu as escadas em busca da condessa. Encontrou-a saindo do quarto e barrou-lhe a passagem.

— Quem é o senhor? — perguntou ela, irritada. — O que faz aqui?

— Milady, a senhora é uma traidora — respondeu Athos calmamente.

— Sei de tudo que fez: tentou matar meu amigo D'Artagnan e conspira contra a rainha. Dê-me o papel que o cardeal assinou!

Assustada pelo tom duro da voz do mosqueteiro, a condessa entregou-lhe o papel assinado por Richelieu, onde estava escrito:

*“É por minha ordem e para **o bem do Estado** que o portador deste fez o que fez”.*

Athos contou tudo aos amigos, mostrando o papel que dava à condessa poderes ilimitados.

— Estou perdido — exclamou D'Artagnan, cheio de medo.

No dia seguinte, graças aos bons serviços prestados como guarda no acampamento, D'Artagnan foi promovido a mosqueteiro. Ele ficou muito feliz, pois seu grande sonho se realizara, mas a sombra de milady ainda pairava em sua mente.

A condessa, cheia de raiva e planos de vingança, voltou para a Inglaterra. No porto, porém, esperava-a um oficial da Marinha, que a levou para um castelo, deixando-a em um quarto com grades. Milady tinha sido encarcerada por ordem de um nobre inglês, irmão de um homem que ela enganara terrivelmente no passado, além de, suspeitava-se, tê-lo envenenado. Ela permaneceu nesse cativo durante cinco dias; mas, com a ajuda do oficial que a mantinha prisioneira, conseguiu fugir. Pagou para ele matar o duque de Buckingham e zarpou para a França. Em busca de vingança, dirigiu-se então ao convento onde sabia estar **madame Bonacieux**.

A jovem recebeu-a sem suspeitas, pois ignorava quem era a condessa. Tomando-a como amiga, confessou-lhe que estava escondida ali porque tinha inimigos poderosos. Contou que, naquela noite, D'Artagnan viria buscá-la. Milady exultou: estava próxima de vingar-se de ambos! Recorrendo a mentiras e dizendo que D'Artagnan não viria, pois estava em La Rochelle, convenceu a jovem a deixar o convento, argumentando que os emissários de Richelieu estavam para chegar. Assustada, e sem desconfiar de nada, Constance concordou em segui-la.

Nesse momento, porém, ouviu-se um tropel de cavalos. Milady saiu à janela e viu que se aproximavam quatro cavaleiros, D'Artagnan à frente. Imediatamente tentou arrastar **Constance** pelo braço, dizendo que precisavam fugir, mas a jovem, apavorada, não tinha forças para se mover. Contrariada, a cruel condessa despejou um pó avermelhado num copo com água e o deu a ela:

— Tome um gole de vinho, vai ajudá-la a ficar mais calma.

Mecanicamente, Constance bebeu. Milady sorriu, virou as costas e saiu. Estava vingada! Minutos depois, D'Artagnan entrou, seguido dos amigos, e encontrou a jovem numa poltrona, incapaz de qualquer movimento.

— Constance! — gritou o jovem mosqueteiro.

— D'Artagnan... finalmente você chegou, eu sabia... — murmurou a jovem, quase desfalecida. — *Ela* disse que você não viria, mas eu sabia... que podia contar com você...





S MOSQUETEIROS

— Ela, quem? — perguntou D'Artagnan, aflito.

— Minha amiga, a condessa de Winter... — disse a jovem num suspiro. Seu rosto tornou-se extremamente pálido; deu um gemido e caiu nos braços de D'Artagnan. Seus olhos já estavam sem luz.

— Oh, não! — disse Athos, vendo o copo vazio sobre a mesa. Rapidamente compreendeu tudo, pois conhecia a crueldade de milady. — Ela foi envenenada!

— Constance! — gritou D'Artagnan, desesperado, mas nada mais podia ser feito. A cabeça de madame Bonacieux pendeu, inerte. Milady era responsável pela morte de mais um **inocente**.

Os quatro amigos resolveram ir atrás da condessa. A noite estava escura e grandes nuvens cobriam o céu. Os mosqueteiros galopavam em silêncio. Após algum tempo, chegaram até uma casinha isolada. Ali se escondia milady, conforme tinham sido informados. Athos forçou a porta e ela gritou ao vê-lo.

— A senhora é acusada de envenenar Constance Bonacieux, tentar assassinar D'Artagnan por três vezes, ser responsável pela morte do duque de Buckingham e ser suspeita da morte do conde de Winter, seu ex-marido — disse Athos. — Vamos levá-la para ser julgada.

Ao ver os quatro mosqueteiros e suas poderosas espadas, a condessa ficou muda e se entregou. Depois de a deixarem na cidade mais próxima, onde recebeu o merecido castigo pelos **crimes** cometidos, os amigos voltaram a Paris.

Dias depois, o conde de Rochefort, o homem de Meung, bateu à porta de D'Artagnan. Imediatamente o jovem sacou sua espada, mas o cavalheiro disse-lhe que estava ali por ordem do cardeal. O mosqueteiro foi levado à presença de Sua Eminência.

— O senhor é acusado de conspirar contra a França — disse-lhe Richelieu — e a favor de nosso inimigo, o duque de Buckingham.

— Eminência, fiz o que fiz a serviço de meu país, e carrego comigo o perdão, assinado pelo senhor.

— Como assim? — perguntou o cardeal, surpreso.

D'Artagnan tirou do bolso o papel que Athos arrancara das mãos de milady. Sua Eminência leu pausadamente:

“É por minha ordem e para o bem do Estado que o portador deste fez o que fez”.

Reconhecendo sua assinatura, o cardeal ficou em silêncio, olhando para D'Artagnan. "Este jovem é inteligente e corajoso...", refletiu. "Melhor que fique do meu lado..."

Preparou então uma ordem para que o jovem fosse promovido a **tenente dos Mosqueteiros**. D'Artagnan, exultante, correu a contar a novidade aos amigos.

Athos disse-lhe que sairia de Paris para sempre, Porthos contou que iria se casar com uma dama da nobreza e Aramis revelou que se tornaria padre. Assim, somente D'Artagnan permaneceu em Paris na Guarda dos Mosqueteiros do rei Luís XIII.

A guerra em La Rochelle demorou para acabar. Somente quando a Armada inglesa deixou a cidade e as tropas francesas retornaram a Paris é que a paz voltou a reinar na França.





COLEÇÃO FOLHA *Minha Primeira Biblioteca* 25

Li *Os três mosqueteiros* por indicação de uma professora na escola. A leitura fez muito sucesso entre a turma. Lembro ainda que os meninos repetiam a famosa frase “Todos por um, um por todos!” quando jogavam bola e marcavam um gol. Era divertido! As meninas se empolgavam com o valente D’Artagnan e seu sonho de ser mosqueteiro. Quando o livro acabou, tínhamos a sensação de conhecer os quatro “inseparáveis” muito bem. Depois de adulta, compreí o livro para meus filhos. A história dos duelos, intrigas e traições deixou os três entusiasmados.

As aventuras de Athos, Porthos, Aramis e D’Artagnan marcaram a literatura de “capa e espada”, que é como se chamam essas histórias. O nome se refere às roupas e ao uso da espada que geralmente caracterizavam os cavaleiros, mosqueteiros ou soldados, heróis dessas narrativas.

E é por isso que, recheado de ação, aventura e humor, *Os três mosqueteiros* continua atraindo leitores e encantando crianças e jovens do mundo inteiro. Espero que você goste também.

Laiz B. de Carvalho, a autora

Na minha infância gostava de brincar de três mosqueteiros na rua. Do lado da minha casa, havia um terreno em construção que eu e meus amigos imaginávamos ser parte das ruínas de um grande castelo. Na brincadeira sempre estávamos numa grande missão para defender o rei e a rainha.

O que mais gosto na história dos três mosqueteiros são as inúmeras aventuras que podem ser criadas após a leitura do livro, são infinitas.

Me sinto quase numa aventura dessas, fazendo livros como este com um monte de amigos fazendo outros livros para esta coleção. Um viva! Um por todos e todos por um!

Weberson Santiago, o ilustrador